

EU E QUATRO VISIONÁRIOS

Quatro poetas que não renunciam ao direito de dizer. Numa sociedade em que falsidade é valor, quatro visionários divisam resquícios de autenticidade nas frestas do que resta de humano em tudo.

Nos poemas de «A navegante», «Interiores» e «Anteprojeto para uma vida torpe», Elaine Pauvolid detecta intenções nos pensamentos e atitudes e desvenda a trama de cada sombra de gente. Em navegações nos meandros da poesia, registra ilações sobre o sonho e o sacrifício de estar no mundo. Delineia configurações sobre a solidão. Rastrea e garimpa a dimensão poética dos seres e das coisas. Extrai de toda experiência um quinhão de poesia. A arte de escrever é para ela um navegar no ar das emoções. É uma viagem ao centro de si mesma. Sua poesia, nutrida da experiência do cotidiano, acende como labaredas os seres inanimados. Humaniza-os, torna-os plausíveis à percepção, ao focalizá-los com a lente da sua contemplação. E transforma em poesia todas as coisas que toca.

Em «Carne Serena», Tanussi Cardoso escreve com espasmos, no limiar do desespero, soltas as rédeas da angústia. Grita e murmura, com generosa voz solidária, toda a morbidez do sofrimento humano. Com metáforas doloridas, mostra que só a poesia é realidade. O resto é ficção. Prova que os momentos do infortúnio realçam a originalidade da expressão. Impressiona pelo frêmito com que lamenta o perecível e sonda o inescrutável. Digladia com um desgosto pungente, que exige de si o máximo vigor da expressão. E tece elegias à paisagem visceral de uma realidade opressiva.

Em «Frutos da Paixão», Ricardo Alfaya derrama sua inspiração zen. Celebra a vida com uma ironia libertadora, que nos redime de toda angústia. Confessional, despojado, jogral lúdico nos significados, distribui pequenas chispas como alarmes que atijam fogo a toda credulidade. Seus epigramas instigam, sugerem uma sensualidade que às vezes grita aos quatro ventos. Revelam a precariedade da condição humana e mostram a marca suja da vida. É um poeta que nos ensina a rir. Com sutileza, escarnece da seriedade pretenciosa. Diz verdades cortantes, com leveza espontânea. Polissêmico, sintético, abre a janela do mundo como quem desenha a caricatura da vida. E prova que o humor é postulado de sobrevivência.

Em «Navalhas Voadoras para Cortar a Tarde», Marcio Carvalho denuncia a impossibilidade de toda realização humana. Mostra a incompatibilidade entre a sensibilidade e os ásperos obstáculos que se interpõem diante da sua idealidade. Cada poema seu é um protesto, uma navalha de ânsia que esbarra em objetos sórdidos. Ameaçado pela atmosfera ríspida de um mundo hostil, sente-se asfixiado em meio à paisagem desumana que o circunda. E como um anjo martirizado, entre absurdas imagens, desvenda malogros que se sobrepõem a toda perspectiva.

Sinto-me confortável na companhia destes quatro iluminados da palavra. Com eles assomo à superfície, vertendo vertentes como vertigens.

Que dizer de mim mesmo?

Deixo a tarefa a cargo de Ernesto Flores, crítico literário:

«Sonatas de luz, momentos de profundidade e torrentes de sentimento vejo nestas Meditações Líricas de Márcio Catunda. Uma estação no parnaso idílico resultou nesta magnitude: poesia, a mais alta expressão planetária,

em sua fabulação introspectiva. As noites claras do encantamento e outros quebrantos derramados em cantos nostálgicos. Aromas sensuais e fogos místicos brotam de cada verso e de cada plexo do âmago das emoções».

Márcio Catunda,
Lisboa, 29 de junho de 2008.

Meu comentário sobre seus poemas:

Maravilha. É mesmo a introdução de um poema só. O que vem depois. E ainda um diálogo com o leitor, que o leva a outro tempo e o traz para o presente, para o aqui agora, com os poemas rimados, que lembram as músicas de nossa infância. Devolvendo o poeta a seu paraíso primeiro.

A grandiloquência dos versos anteriores e o aspecto de epopéia, contrastam com os últimos versos. Isso me ajudou a ver uma intenção artística, que se não foi consciente, aparece claramente na leitura que fiz. Tal qual contemplasse um quadro realista, vejo a intenção de voltar ao estado puro, ao paraíso perdido. Não numa ilusão ingênua, mas, no saber que talvez ele nunca tenha existido senão em nós mesmos em um tempo que não é passado, mas que se constrói o tempo todo, um passado que não cansa de se presentificar. Neste movimento que você faz, reencontra-o e nos faz reencontrar o nosso. Acho que é mesmo o movimento que Nietzsche fala de sair do camelo, passar pelo Leão, tornar-se criança e alcançar o super-homem.

Gostei muito, Márcio. Foi uma viagem e tanto.

MEDITAÇÕES LÍRICAS

Márcio Catunda

Márcio Catunda é um desses raros fenômenos poéticos da linguagem dos grandes buriladores da palavra. (Jarbas Júnior, na introdução ao verbete “Márcio Catunda”, na antologia “A Poesia Cearense no Século XX, org. Assis Brasil, Rio de Janeiro, Imago, 1996).

Nos mais de dez livros de poemas que Márcio Catunda publicou, em destaque este extraordinário Sortilégio marítimo, de 1991, o dilema do poeta é existencial e social, uma procura talvez instintiva de conciliar as duas partes, as duas bandas do ser sensível, que acabará escrevendo um belíssimo ensaio sobre A essência da espiritualidade, em 1994. (Assis Brasil, continuação do verbete da obra citada acima).

Em Rosas de fogo o poeta e ensaísta Márcio Catunda vai buscar no Tao o caminho de sua poesia. (Natalício Barroso, prefácio ao livro Rosas de Fogo, Rio de Janeiro, Espaço Tempo, 1998).

A exemplo de nossa companheira, Elaine Pauvolid, gostaria de frisar a coragem presente nos cinco livros que compõem este Vertentes. Ao Márcio Catunda, parabênizo pela audácia de reconhecer a dor causada pela constatação de um passado iluminado, em confronto com um presente de escuridão. Conforme diz o próprio autor, com melhores palavras, num belo momento de Meditações Líricas, tudo aquilo que hoje o inebria e encanta, paradoxalmente, também o conduz à tristeza. Um documento poeticamente singular, em que Márcio, ao mesmo tempo em que celebra a vida, de certo modo, a condena. Evoca, assim, de maneira muito própria, a tradicional dicotomia entre o viver (Neruda) e o navegar (Fernando Pessoa). (Ricardo Alfaya, em e-mail aos participantes de Vertentes, em julho de 2008).

MEDITAÇÕES LÍRICAS

1ª Parte

Ó veleiros velozes!
Velo nos desvelos da vigilância.
Ó pasmo perecível!
Vertente de perplexidade!
Ó ventos, ó vozes,
ó fontes do imponderável!
Que faço diante do tempo como se não o habitasse?
Estou aprendendo a lição das ondas:
a vida só tem sentido se florida de amor.
Quisera abraçar todos os homens
e adorar todas as mulheres!
Ó vida vazia se não comungamos o ideal fraterno!
Ó Supremo Ser!
Como não ser este transtornado de angústia existencial?
Hei de sentir fé como certeza feliz
e ouvir o mar com o encantamento de outrora.
Hei de refazer a disciplina do cotidiano
e ser mais fiel à minha consciência.
Sou eu este que se desespera de tédio?
Sou o que contempla o mar embevecido.
Que sei de mim e do Outro?
Que posso com o tempo em que perco o autodomínio?
Quisera ser o inamovível!
Ser o monge perfeito de outrora.
Mas eu ainda me deixo envolver pelo sonho.
Quisera imergir na realidade com firmeza.
Haverá um tempo de regeneração.
Eu me transformarei num ser sereno e bom,
livre dessa ansiedade que me perturba.

Estou meditativo diante do mar.
O acalanto das ondas ressoa em mim.
Estou num remanso aflitivo,
ouvindo melodias no vento.
Emocionado de súbito enlevo,
meu pensamento é uma miragem.
Tanta recordação me envolve,
tanta expectativa me alucina!
A saudade chega com melancolias cantadas pela tarde,
suavidades românticas.
A fantasia do ontem permanece em toda parte.
Uma atmosfera encantada guarda o meu segredo.
Canções de inquietude povoam a minha insônia.
Estou sonhando acordado.
Meu hoje é só lembranças.

A música que eu ouvia com encantamento,
hoje me magoa de nostalgia.
A noite era a porta das aventuras.
Agora é uma caverna, cujas sombras me habitam.
Minhas atitudes reduziram-se à inércia mental.
Disfarço a diferença sob a máscara dos sorrisos.
Até as nuvens eram mais claras,
o horizonte propício à religião do amor.
Carrego nos ombros um fardo de ansiedade.
Vivo em desespero lírico.
Já não tenho tempo para o que não seja morrer de paixão.
Tenho os nervos em frêmito, o coração sobressaltado.
Anoiteceu e a esperança é um fantasma que chora comigo.
Mas não lamento nada:
tenho o sabor das lágrimas,
essa riqueza de amar.

Aquela tarde em que eu te falava da atração das almas.
Aquela claridade no mar
como esse luar inebriante.
Eu te falava de um prazer luminoso,
além das carícias da pele.
Eu te oferecia as tonalidades do céu,
a paz das luzes azuis.
Foi tudo uma torrente, um redemoinho
que rodopiou comigo num vendaval.
Estou ainda atônito nesse mistério.
Permaneço perplexo, encantado
e tenho as sensações translúcidas,
depois daquele oásis de emoção.

Imergi no âmago do tédio.
Preciso acreditar de novo na perspectiva do futuro.
Preciso me reanimar na contemplação das manhãs.
Mas, na saudade dos gloriosos momentos,
são trevas o presente, o passado é luz.
Quisera trocar a escuridão desse dia
pela noite em que viajei sobre o esplendor.
Durmo hoje, sonâmbulo.
Outrora despertava em plenitude.
Eram corcéis as horas daquele tempo.
São velórios os minutos.

O mar chora comigo.
Um céu sem cor
como eu, sombrio, de procelas transido,
discorre ante os meus olhos sem fulgor.
O mar parece que se lamenta como eu.
A lua foge do céu
quando converso com a minha solidão.
Eu tão sofrido!
Na rua da amargura, consumido de perdição.
O amor me avassalou com seu mistério,
escravizou-me ao fulgor da beleza.
Vê a incerteza do meu firmamento!
A natureza pródiga, encantada,
forjou para delírio dos mortais,
qual chuva que ilumina a madrugada,
uma dádiva que a vida me trouxe
entre ternuras, um raro esplendor.
Amor feriu-me de transida seta.
E nada me parece certo ou sério,
se não provém dessa delicadeza,
desse prodigioso quebranto que mudou meu pensamento.

Tristes são as tardes em que os poetas morrem de amor.
Maio com suas amenidades,
o ar festivo de certos logradouros,
os transeuntes banais e os edifícios decadentes,
na alegre estação,
se me afiguram dolente amargura.
Que eu só quero contemplar os astros,
embriagado de lamentos
e sentir nos ares os perfumes que bebi outrora!
Para exorcizar os tormentos em que me agito,
um sossego ilusório vibra
no deleite da brisa.
Voga o barco ligeiro do meu pensamento
no transparente lago das minhas lágrimas.

2ª Parte

Estive doido durante algumas semanas.
A vida me submeteu a um tratamento de choque.
Mas ai, despótica lucidez,
resistirias a um novo assédio daquele desvario?
Desprezarias a magnitude daquele fascinante afã?
Pois eu troco dez anos de sensatez
por alguns dias daquele delírio.
Consagro a alma à mais dissoluta vertigem,
antes que ao discernimento da razão.
Dou todo o oceano do juízo
por uma gota daquela temeridade.
Mil vezes o ardor daquela ferida
que o frio bálsamo desta indiferença.

Esperança, pão dos aflitos,
nesta casa abandonada,
gelado de expectativas,
ponho-me ao abrigo do teu divã.
Às fontes encosto o ouvido,
perscruto o presságio dos pássaros,
consulto os numes.
Os véus noturnos nada me anunciam.
Em frente há uma montanha árida,
a torre de uma igreja mal-assombrada,
com ápices ameaçadores.
Sou um rei despossuído,
um ex-barão assinalado,
cujo trono é um sarcófago sobre um tapete de ausência.
Espero ainda palavras lindas como flores?
Ainda que os meus olhos se extasiem diante do esplendor,
esta comoção me pesa sobre a alma
com a perspectiva de um relógio parado.
No ermo, verdugo de mim, indago aos meus suspiros:
haverá notícia alvissareira?

Que restou de tanto encantamento?
Da luz das coisas pretéritas?
Da comoção de tanto esplendor?
Abro a porta diante do nevoeiro,
transponho os rochedos da noite atroz,
sob o influxo das horas pesadas.
Meu refúgio é a miragem das ânsias.
A vastidão do mar é a minha única companhia.
Até quando estarei distante do meu astro?
Quando é que meu coração nunca mais há de ser triste?

Era uma vez um tempo banhado em luz.
Um tempo de ígnea transcendência.
Os sentidos imersos em dourada brisa.
Um tempo que explodiu na viagem dos sentidos.
O silêncio se fez amargo com um frêmito.
Um presságio na espuma dissolvida.
Memória de anoitecida quimera.
Foi ontem, foi agora, tenho ainda nos lábios a maresia,
o aroma, ao sol que arde depois da névoa,
nos cristais do mar.
Estou de mãos vazias.
Mas o que passou renasce no vento,
orvalho que escorre na cinza fria,
ocaso que refaz a saga dos desencontros.
Estrela da tarde, viajante do enigma,
madrugada nas encruzilhadas.
Os gatos gemem sob o luar.
Que venha a mensagem das constelações!
Dádiva perfumada de maravilhas,
relâmpago em todos os quadrantes!

A noite murmura o nome do meu sonho.
Olhos que me espreitam dos abismos do tempo.
Um rosto emerge dos escombros do exílio.
Porque entrei nos espasmos da doçura,
escuto adágios nas súplicas do vento.
Estrela votiva, âncora do meu barco à deriva,
o que foi argonauta das tuas carícias
navegará ainda entre os cardumes do teu sorriso?
Colherá pérolas de vertigem nos teus sargaços?
Nas brumas da solidão, à luz dos astros,
passará no jardim das delícias?
Sob a poeira faiscante do céu,
colherá gestos belos como a flor que brota de madrugada?
Ó palavras que consolaram o menino triste!
Ó mãos que suavizam o dolorido sentir!
Lábios que são água no deserto da sede.
Meu pensamento é um cismar em horas vazias.
O dia é para mim uma viagem noturna.
Pássaro de espuma no tropel das ilusões.

Como era sentida a vida nos idílios de um lugar!
Como as noites eram suaves!
No alto mar claras candeias,
o meu ideal e o alento dos faróis brilhando ao vento.
Luar de sonho na visão.
Como era sentida a vida nos pomares dos quintais!
Nos jardins a luz dos rosais: um oásis de ternura.
Nos ares fluía um sonho: primavera de esplendor.
Como era ditoso o tempo de cantar pelos jardins!
Como as tardes eram de paz!
O mar quebrando num quebranto.
Nos mirantes brisa leve.
Céu de amores no horizonte.
Madrugada de emoção.
Teu nome escrito nas jangadas.

O dia é para mim qual noite escura,
a solidão me espreita dos abismos,
na penumbra espero aurora de esperança,
entre os escombros da ilusão.

Na voz do silêncio,
entre as brumas da lembrança,
coração desesperado,
escuto os acalantos de um segredo,
pensamento a velejar.

Noite em mim, o luar nasceu.
Jardim de emoção, silêncio sem paz.
Onde estás, flor do céu?
O meu recordar acende no vento um perfume de amor.
Como estou tão sem fé, tão só, no meu desengano!
Caminhar contemplando o mar
é lembrar nas luzes do cais aventuras de abril.
Eu vou andando, sem rumo e sem fim,
sonhando com um tempo que foi a glória da vida.
Entrego ao mar o silêncio do adeus.

Do mais maravilhoso esplendor
o jardineiro da vida consola o meu pranto!
De todos os perfumes, a essência verde.
As violetas, os cristais e os diamantes,
as visões sublimes
e toda a imensidão da natureza
cabem num gesto humano.
A magnanimidade das folhas na floresta,
a arejada sombra da vertente,
os canoros pássaros encantando a clareira,
o momento da mais alta reflexão,
o sol destilando fluidos dourados,
todas as vibrações etéreas e luminosas
encontram-se agora no meu pensamento lírico.

Porque vivi o êxtase da fantasia,
já não sinto aflição diante de ti, silêncio!
Não lamento a dissipação dos momentos sublimes.
Oscilo entre o que sou e o que recordo.
Sei que a juventude não é mais que um dia.
Mas se a jornada foi de plenitude,
ando sereno ante o assédio das horas.
Os archotes brilham na caverna da lembrança.
O cinzel do tempo borra as mais nítidas imagens.
Implacavelmente, distancia a memória da chama fascinante.
No pensamento se afigura a visão do que se perdeu.
Mas estou rendido à voragem do tempo.
Entrego-me à vertiginosa corrente,
ainda que não regresse o júbilo na roda da fortuna.

Não tem carências quem bebeu o soma
e fez oblações no altar do tempo.
Não tem ido nem porvir,
imerso em completude,
quem degustou o paroxismo dos tantras.
Quem contemplou tamanha beleza
não conhece esperança nem agonia.
Atado ou desatado,
foi afortunado quem desfrutou
o almíscar, o jasmim, o âmbar e o sândalo.
É afortunado quem vê a transparência em cores vivas.
Quem recorda o que faz esquecer todas as coisas,
mas não esvazia o cântaro de sombras
nem os prodígios da sua evocação.

Entardece a manhã no vôo do pássaro esperado.
Eu me exilarei num pântano deserto.
Minha cidade desmoronou.
Nas remotas paragens
perdeu-se o menino que brincava no jardim.
Neva sobre os rios.
Esfuma-se a visão da estrada percorrida.
Onde florescem os alegres pensamentos?
O marinheiro anseia uma ilha insondável.
O irrevogável escreve o seu decreto.

3ª Parte

Música que me ilumina o espírito,
expressão abstrata do supremo ideal,
energia que faz o mundo brilhar,
expansão de luz que me faz irmão das criaturas,
eis aqui alguém que compreende a vida!
Desfruto em cada poro os fluidos da natureza,
alimento-me da harmonia das formas
e a alegria de toda pessoa é a minha alegria.
O vento que acende a folhagem,
os pássaros que realçam as cores do dia,
o azul que das alturas revigora o planeta,
eis as insígnias da minha bandeira.

Tudo o que me alegra me deprime.
Deliro de regozijo.
Tudo passou, mas vivo consternado,
transtornado de esperança.
Vivo em transe, translúcido diante do cristal das fontes.
Estou como a ave noturna.
Num chão de pétalas,
viajo num transporte de enlevo.
Estremeço diante da clarividência.
Estou sereno e grave.
A dor é invisível.
Estou fremente, frenético...
Vivo absorto, arrebatado,
em liberdade, preso por amor.

Tenho por teto a luz prateada dos astros.
O Altíssimo encheu-me a taça de néctar.
Bebo alentos na noite acesa.
Sorvo em haustos a consolação.
O plenilúnio me é propício.
Como me transbordo de contentamento?
Como escolho entre as flores a mais formosa?
No inverno ou no outono, ando primaveril.
Ninguém conhece o meu desespero.
Mergulho no oceano sentimental
e venho à tona com tesouros inimagináveis.
Como descanso nesta expectativa serena?
Como é que, em vertiginoso fulgor,
desfruto de prazer?
Diante do cristal das fontes,
os olhos sedentos de beleza,
quem, como eu, não tem na vida mais que um desejo?

Quanto esplendor nas coisas supremas!
Luz sobre a asa do pássaro viajero.
A perspectiva inebriante é o tempo que contemplo.
Quanta magnificência na extensão das águas!
Poente, em que te firmas?
Onde o diadema único, a voz dos arcanjos e o céu das promessas?

Aqui jaz o meu sonho,
morto no chão da vida,
sob um céu vermelho, aquém do arco-íris e do horizonte.
As cinzas atiradas no rio da desilusão.
(Ressuscitará *in memoriam*?)

Já duvido de tudo.
Sou o próprio enigma.
A vida corre como um rio imprevisível.
Sou o porta-voz das fraquezas humanas.
Considero difícil controlar os instintos.
Os sentidos me confundem nas sensações da fantasia.
Não herdei a coragem do meu pai,
nem a bondade da minha mãe.
Sou rebelde às leis morais
e vejo os seres cheios de mistério.
Entre o meu olhar e o que vejo há uma sombra.
Vivo em transgressão deliberada.

Quisera ser Catulo ante as delicadas pétalas de Lésbia.
Quisera ser Menelau, digladiando pelos instintos de Helena.
Quisera ser Zeus, mudado em cisne, sobre os mamilos de Leda,
ou disfarçado de chuva, molhando o púbis de Danae.
Quisera ser Poseidon, pólipó enlaçado às coxas de Anymone.
Ser Apolo, vilão, sondando a fragrância inebriante de Dafne.
Ser Plutão, na penumbra, entre as pernas da bela Perséfone.
Quisera ser Dionísio, de falo adorado pelas Ninfas!
Ser Hipólito, seduzido pela despudorada Fedra.

Quisera ser um rapaz de Atenas, debruçado sobre a Hetaíra.

Ser um fauno, espreitando o banho de Frinéia.
Quisera ser todos os que se consagraram nos ritos do amor!
Mas, nas tardes amargas,
fico olhando as estradas do mar.

Entre o alto e o profundo

capto as visões do meu telúrico ideal.

Unifico-me na dimensão contemplada.

Abriu-se o templo:

claridade nos quadrantes do meu verão.

Encharco-me de lágrimas invernais,

desfolho-me, angustiado de outonos,

floresço em primaveras sentimentais.

Mas sou o paroxismo do paradoxo:

entre o alto e o profundo jaz a minha experiência mental.

Altura e profundidade regem a minha prática lúdica.

4ª Parte

Ah, quanto contrasta o fenômeno místico com a sordidez mundana!
Há dois mundos em tudo.
Homens-feras perseguem uns aos outros.
Com os sentidos rebaixados,
já ninguém contempla o céu.
Só eu não sou indiferente às nuvens e à lua.
Só eu não ando aos berros como um camelo no deserto das ruas.
Fortaleza, quem te vira refém da revolta e do medo?
Quando haverá a transformação?
Quando voltarei a cantar nas amenas noites de agosto?
Quem decifrará o teu segredo?
Quisera jamais te ver pasto de tristeza,
pátio de solidão!
Fortaleza, dama da noite alucinada,
já não contemplo a lua no espelho das tuas lagoas.
No meu solilóquio de andarilho à Beira-Mar,
não há prazer nos bares, mas na deambulação.
Portal do Atlântico, nave encantada,
ancorada no cristal da memória,
cidade azul, lavada de aprazíveis aragens,
seara de fontes frutais,
verdes pomares, verdes mares.
As luzes refletidas no influxo das ondas,
o rumor do vento na madrugada
e o meu pensamento devotado aos teus horizontes.
Fortaleza, eu revivo a todo instante o teu drama!
Verdes mares que me fascinam
desde o tempo em que fui contemplativo.
A vida mudou, mas permanece em mim a mesma paixão.
Porque a vida me foi sempre uma saudade do paraíso,
de um tempo sem a sensação da transitoriedade.
De um translúcido sentir sem desilusão,
sem o temor da teia tecida pelas Parcas,
sem o império material do Chronos.
Eu fui na infância um ser iluminado.
Agora vivo em sombras
no porão dos meus devaneios.

Fortaleza, olha o teu cantor!
O que escreve caminhando em tuas calçadas,
o que ainda se perde de amores diante do mar.
O litoral, meu habitat predileto,
este espaço da Ponte Metálica à Beira Mar, me satisfaz.
Não os teus bares e cafés, mas este espaço!
Fortaleza, vê o teu poeta deambulando pela Praia de Iracema,
passando indelevelmente pela Praia do Ideal!
É um cidadão urbano, meditativo,
mirando as cores dos edifícios
que desenham a curva da enseada.
Fortaleza, recorda o menino que percorreu as tuas praias
com o olhar dos encantos!
Só é grande o poeta que canta a sua cidade
e eu te revejo sempre com o pensamento apaixonado!
Canto a brisa cálida das tuas tardes e o remanso da praia.
Sinto agora um enorme apreço pelo semelhante.
As ondas do mar me hipnotizam.
Cidade minha, és testemunha do meu desvelo.
Dedico aos teus horizontes a minha introspecção,
meu refúgio em mim mesmo.
Sou o teu guardião!
Escrevo a tua história com a seiva do sentimento.
Cada respiração do meu ser se harmoniza com os teus ares.
Neste remanso em que vadio,
numa vilegiatura lírica inconsolável,
vivo a emoção do passado na vertigem do presente.
Por que fugir das coisas pragmáticas hoje?
Por que não me recolho na disciplina objetiva?
Prefiro perambular pelos teus âmbitos de contemplação!
Debalde percorrer os teus recantos!
Eu partirei, levando as imagens vívidas.
Quando voltarei a sentir o alento do vento diante do mar?
Fortaleza, olha o teu cantor!
O que vive no limite da ousadia.
O que vive perplexo.
O que se dedica às percepções visuais,
recolhendo-se em raro ensimesmamento.
Cantando toadas místicas na tua intenção,
cortejando as tuas musas com emoção sincera.
Vejo a viagem das nuvens, o eflúvio azul.
Se pudesse, fixaria o êxtase efêmero da tarde.
O vento e os pássaros - heranças da infância.
Fortaleza, só em ti contemplo esse céu sem mágoa.

Mas por que estou melancólico,
se entro em teus portais coroado de glória?
Na perspectiva dos moinhos
o mar imerge no hidrogênio dos páramos.
As brumas configuram imagens hipnotizadoras,
bebo o orvalho das ondas em haustos.
Sou o andarilho que se embevece com a visão dos navios.
Fortaleza, pérola do mar,
diamante do verão, engenho lírico,
ando seduzido pelas tuas noites cálidas.
Tenho o rumor do mar onipresente em meus ouvidos.
Há flores litorâneas em tuas calçadas.
São meninas graciosas, filhas do sol.
São sereias que o luar fecundou nas areias.
A tarde nunca esteve tão romântica.
Nunca o céu teve essa cor clarividente.
Por que medito assim, magnânimo e nostálgico?
Tarde lápis-lazúli, de sombras venerandas,
sinto a efusão da natureza para além do ruído das máquinas.
Cada minuto é um prenúncio de eternidade no transbordante agora.
No entanto, a hora fluida se esvai ante os meus olhos transitórios.
Foram poentes, foram adeuses,
foram tardes assim que me fizeram poeta.
Foram aromas, tonalidades, perplexidades e cânticos.
Foi certamente o mar – semeador de encantos.
Foram todos os teus adornos e paisagens.
Teus fulgores, teus quebrantos azuis.
Amanhece noturno na superfície do mar.
O fogo da esperança acende os horizontes.
Fortaleza dos quintais líricos,
tu que tens coqueiros como sedutoras torres
e horizontes de serenidade.
Em meio à aflição das avenidas, resplandeces crepuscular.
Ando nas nuvens, tendo os pés no chão.
Vejo com olhos de outrora o teu céu de andorinhas.
Nas ramagens vejo o verde da vida
e a sombra da desilusão me acompanha.
A tua lembrança me conforta.

5ª Parte

Quisera compreender o meu pensamento através de conceitos,
pensamento altivo, concreto.

Mente plena de si mesma e das idéias da alma e sua realidade.

Quisera entender a razão libertadora de mim,
na solidão dos meus sentimentos.

Não quero mais o mundo como inimigo.

Preciso reabilitar-me perante a sociedade,

mas o que é a sociedade dos homens

que justifique uma atitude de condescendência?

Não devo nada ao sistema de valores

que os mortais forjaram para o seu próprio cativeiro.

Só a mim e às vozes de Deus tenho contas a prestar.

O resto é silêncio.

Entender a verdade nas manifestações artísticas,
os sentidos encantados pelas emoções intuitivas.
Sentir-me satisfeito num mosteiro
e ter a verdade impressa no coração.
Todos se sabem racionais em suas concepções.
Só eu não me acalmo, mesmo tendo o dom destes alumbramentos.
Meu coração, por que entristeces
quando a noite cai sobre a cidade?
A cidade me dá repugnância com suas entranhas fétidas.
A noite está encantada pelos ventos lunares
e tem um guia nesta hora, quem navega em águas abissais.
Nos ermos ou na floresta,
a ave perscruta os ares,
buscando nas sombras a direção do ninho.
E se esta noite a lua cheia é guardiã,
por que entristeces agora, meu coração?

Entre o que vejo e o que sinto existe um abismo.

Minhas percepções rejeitam as impressões que tenho,
causando o atrito de estar entre as pessoas
e a devastação das coisas.

Perplexo ante o quadro macabro do desespero humano,
fujo do precipício do passado
e me lanço no desperdício do futuro.

Eu vencerei as duras provações.

Saberei retirar libações puras
do fundo do oceano de veneno.

Conquistarei a taça dos heróis.

Eu lia um livro que o tempo me tomou das mãos.
Recuperei-o depois e era um tesouro, um vento,
natureza que se ofertou.

Adentrei os pórticos da infância:
era tristeza, era o desterro,
a plenitude violentada e o sonho infamado.
Quis o mundo e me perdi no invisível.
Caí no pesadelo de suportar os dias irreais.
Dar razão a todos, renunciar-me, perder ilusões.
Negar esperanças, arrastar ergástulos de mim.
Recostar-me à margem dos precipícios,
vencer-me os tremores místicos,
curvando os ombros e envelhecendo...
Ah, vida feita de resignar-se...

Poeta, lembra-te de Zoroastro
e acende a chama na planície do coração!
A poesia é divina
e cada poeta é grande em sua dicção.
A inspiração não escolhe a quem,
mas antes vem o mérito e o dom da recompensa.
Vejo os verdes montes cobertos de ternura
e recolho os madrigais da ventura.
Poeta sou e de ânimo celeste coroei-me a frente.
Não por mim mesmo, mas pela fonte do dia.
Pela luz das serenas alturas,
pela estrela rútila das madrugadas.
É por ela que venho colhendo alvoradas.

Ontem, alma embargada de travos de amargura,
pesavam-me turvos pensamentos.

Infenso à ínfima psicofera,
carpia as mágoas do sentir.

Nas minhas incoerências refletiam ecos da dor do que fui.

Angústias, neurastenias,
lágrimas que chorei sem lágrimas.

Noite na aura e o torpor dos remorsos,
erosão borbulhando, toldando as águas íntimas,
redemoinhos revirando o pó das emoções.

Hoje, um fabuloso fluxo de energia lançou-me a outro pólo.

Estabeleceu-se um turbilhão de memórias em mim.

Índio que me tornei no meio do tempo.

Como as coisas do mundo me decepcionam!

Só na contemplação entendo o colosso da vida.

Estranho como a vida se faz urgente, de súbito!

Pelas teias do arrebol,
quis-me a fortuna iludir.
O poente esconde o sol,
mas é de aurora o porvir.

Errante no tempo andei,
em sonhos mirabolantes,
por paraísos distantes,
feliz; de mim mesmo, rei.

Onde um salgueiro gemia
em solidão fui sentar.
Tarde cinza, brisa fria,
me perdi no meu sonhar.

O mundo começa aqui,
nesse momento de outrora,
pois tudo quanto senti
revive o luar de agora.

O lugar de tal virtude
é o tempo de sempre amar.
Mergulho de plenitude,
tempo de eterno voar.

No abismo da noite acesa,
um anjo me conduziu.
Libertou minha alma presa,
seu olhar me seduziu.

Márcio Catunda - CURRICULUM BIBLIOGRÁFICO

Nascimento: 22/05/1957, Fortaleza, CE

Formação: **Faculdade de Direito**, Universidade Federal do Ceará,
1979

Instituto Rio Branco, Brasília, 1985 com ingresso na
Carreira Diplomática em 1985
Faculdade de Letras, CEUB, Brasília, 1989

CARREIRA DIPLOMÁTICA

EMBAIXADA DO BRASIL, Lima, Peru, de 1991/1994,
Secretário

CONSULADO DO BRASIL, Genebra, Suíça, de 1994/1997,
Cônsul-Adjunto

EMBAIXADA DO BRASIL, Sófia, Bulgária, de 1998/2000,
Conselheiro

EMBAIXADA DO BRASIL, São Domingos, República Dominicana, de
2002/2005,
Conselheiro Comissionado

CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa), Lisboa, 2005,
Assessor Cultural

Movimentos Culturais de que participou:

Presidente do Clube dos Poetas Cearenses, em Fortaleza, 1975.

Fundador do Grupo Siriará, em Fortaleza, 1985.

Residiu no Rio de Janeiro em 1982, havendo freqüentado o círculo de reuniões denominado “Sabadoyle”, na companhia de Carlos Drummond de Andrade e outros famosos escritores residentes naquela cidade. Em 1983, em Fortaleza, organizou, com outros poetas, o evento denominado "Chuva de Poesia", que se constituiu no lançamento de helicóptero, na Praça do Ferreira (centro de Fortaleza), de 160.000 folhetos, com poemas de mais de oitenta poetas cearenses.

Em 1984, ingressou na Associação Nacional de Escritores, de Brasília, passando a estabelecer intercâmbio com escritores de todas as regiões brasileiras. Em 1992, fundou em Lima, Peru, com os poetas peruanos Eduardo Rada, Regina Flores e Eli Martín, o grupo REME, que organizou recitais e publicou livros no período de 1992 a 1994. De 1996-1997 participou, em Genebra, Suíça, da Associação de Escritores Genebrinos. De 2002 a 2005 participou, em São Domingos, República Dominicana, de uma associação de poetas dedicados ao estudo da metapoesia.

Colaboração em revistas e jornais:

Publicou poemas, ensaios e contos, em revistas e jornais de diversos Estados brasileiros, entre os quais a “Revista da Academia Cearense de Letras”, as revistas “Literatura”, de Brasília, e «Literapia», de Fortaleza, bem como os

jornais "O Povo", "Diário do Nordeste" e "Tribuna do Ceará", de Fortaleza e "Correio Braziliense" e "Jornal de Brasília", da Capital brasileira, no "Jornal do Comércio", do Rio de Janeiro, no "Suplemento Literário de Minas Gerais", no jornal da Associação Nacional dos Escritores, de Brasília, além de outras publicações independentes ou alternativas, inclusive periódicos eletrônicos, como o Jornal de Poesia e outros.

Inéditos:

Ficções do Segredo, *novelas*, **Luz sobre la História**, *poesia*.

Bibliografia:

Poemas de Hoje, 1976 (com Natalício Barroso Filho), Fortaleza – Ce
Incendiário de Mitos, *poesia*, 1980, Fortaleza – Ce
Navio Espacial, *poesia*, 1981, Fortaleza – Ce
Estórias do Destino e a Pérfida Perfeição, *contos e poesia*, 1982, Fortaleza – Ce
O Evangelho da Iluminação, *poesia*, 1983, Fortaleza – Ce
A Quintessência do Enigma, *poesia*, 1986, Brasília – DF
Purificações, *poesia*, 1987, Rio de Janeiro – RJ
O Encantador de Estrelas, *poesia*, 1988, Brasília – DF
Sortilégio Marítimo, *poesia*, 1991, São Paulo - S.P.
Los Pilares del Esplendor, *poesia*, 1992, Lima – Peru
Llave Maestra, *poesia*, 1994, Lima - Peru (com três poetas peruanos)
A Essência da Espiritualidade, *ensaios*, 1994, Lima - Peru
Poèmes Ecologiques, *poesia*, 1996, Bellegarde – França
Ânima Lírica, *CD de poemas musicados* 1997, Genebra – Suíça
Anthologie Sonore, *CD de poemas recitados em três idiomas*, 1997, Genebra - Suíça
Mário Gomes, Poeta, Santo e Bandido, *biografia*, 1997, São Paulo - SP
Rosas de Fogo, *poesia*, 1998, Rio de Janeiro – RJ
Água Lustral, *poesia*, 1998, Rio de Janeiro - RJ
Estância Cearense, 1999, Fortaleza - Ce
À Sombra das Horas, Antologia (poemas traduzidos em búlgaro), 1999, Sófia/Bulgária
Na Trilha dos Eleitos-Volume I, *ensaios*, 1999, Rio de Janeiro -RJ
No Chão do Destino, *poesia*, 1999 - Vitória - ES
Crescente, *poemas musicados*, 1999 Sófia/Bulgária
London Gardens and other journeys, *poesia*, 2000, Sófia/Bulgária
Verbo Imaginário, *Antologia* (CD com poemas lidos pelo autor), 2000, Sofia /Bulgária
Trilha dos Eleitos - Volume II, *ensaios*, 2000, Campinas –SP
Noites Claras, *poemas musicados em CD*, 2001 – Sófia/Bulgária
Mística Beleza, *poemas musicados em CD* – 2003 – Brasília-DF
Rios – Antologia de poemas de cinco autores, (com os poetas Thereza Christina Rocque da Motta, Elaine Pauvalid, Tanussi Cardoso e Ricardo Alfaya), Rio de Janeiro, 2003
Madrid y otros Idílios, 2004, *poesia*, São Domingos, República Dominicana

Na

Sintaxe do Tempo, *poesia, 2005, Fortaleza-CE*

Plenitude Visionária, *poesia, 2007, Lisboa*

O Dom de Orfeu, *poemas musicados, 2007, Madrid*

Sintagmas do Labirinto, *poesia, 2008, Fortaleza.*

Bem-te-vi, *poemas musicados, 2008, Madrid*

Itinerário Sentimental, *poemas musicados, 2008, Madrid*

Palavras Singulares, *ensaios, 2008, Lisboa*